



From Access To Inclusion, An Arts and Culture Summit

9, 16, 23 de Março 2021 - online

Relatório de participação

O simpósio From Access To Inclusion decorreu online, em três tardes de Março, com um vasto painel de profissionais que trabalham a acessibilidade em instituições espalhadas por todo o mundo. Candidatei-me a esta bolsa da Acesso Cultura para aprofundar conhecimentos e expandir horizontes. Os painéis foram ricos, com intervenientes variados. Neste relatório opto por destacar ideias chave que foram abordadas ao longo do simpósio e me parecem fundamentais para o trabalho de acessibilidade no panorama actual. Resta-me agradecer à Acesso Cultura pela oportunidade.

Tiago Fortuna, Maio 2021

Tópico 1: Organization Buy-in and Training

A consciência de que os espaços culturais também são espaços sociais: A propósito de um keynote sobre o West Kowloon Cultural District, em Hong Kong, foi feita a correlação entre espaço cultural e social que é importante frisar, pois os espaços culturais podem ser ferramentas para promover a inclusão na sociedade - não são conceitos dissociáveis.

A vida em comunidade: esta foi uma ideia transversal a todo o simpósio. Devemos ter sempre presente que o espaço cultural, enquanto espaço social, é um espaço que privilegia a vida em comunidade e as dinâmicas de interdependência da população. Para isso, também a comunicação das instituições culturais deve ter presente uma orientação para a ideia de comunidade vivida pelos seus públicos.

Importância da capacitação e a sua complementaridade: os planos de formação e capacitação de equipas foram um ponto destacado por vários intervenientes e que clarifica a importância de manter as equipas com planos anuais de capacitação para adquirir novos conhecimentos; a dinâmica e complementaridade entre departamentos, para a eficácia da acessibilidade dos espaços, requer aos vários departamentos de trabalho que invistam em formação contínua; ter profissionais em cargos decisores das instituições nestas formações é fundamental para efectivar conhecimentos obtidos; ter pessoas com deficiência em grupos consultivos que possam ajudar a capacitar as instituições e pensá-las num movimento interior-exterior.

Fazer das políticas de acessibilidade organismos vivos: foi uma das ideias que mais gostei de ouvir. Os planos de acessibilidade das instituições culturais devem ser organismos vivos,



mutáveis, sempre em crescimento, com espaço para erros e correcções - com espaço para a evolução.

Continuar a estimular a criação de posições, dentro das instituições, de um gestor da acessibilidade - que ainda não é uma prática comum.

Tópico 2: On Demand vs On Request Access

A questão da disponibilização de serviços on demand ou on request é complexa. Se por um lado on demand estimula a equidade, exclui a necessidade das pessoas precisarem de marcar a sua visita atempadamente e pode criar maior fluidez, também pode ter uma logística incomportável financeiramente, assim como maior dificuldade na garantia de eficácia dada a complexidade de serviços que teriam de estar sempre assegurados. Por outro lado, os serviços on request permitem maior personalização da experiência do público, que pode ser preparada de acordo com os serviços solicitados pelas pessoas. Sobre este tópico surgem as seguintes ideias:

A importância da comunicação: os sistemas e estratégia de comunicação devem ser optimizados tanto num modelo on demand como on request. A comunicação deve ser diversificada pois diferentes tipos de deficiência requerem diferentes modelos de comunicação com o público. É importante também manter o diálogo aberto com o público para ouvi-lo, perceber quais são as suas necessidades e até aquilo que considera prioritário para garantir a acessibilidade.

A consciência de que a criação de público pode ser um processo moroso e complexo, que envolve o estímulo de uma relação de confiança.

Reconhecer e reflectir sobre a complexidade da disponibilização de serviços on demand:
A programação de um espaço cultural, no formato em que é desenvolvida hoje em dia, na maior parte das instituições, é vasta e de grande densidade. Não contempla serviços de acessibilidade na base de concepção, estes são depois acrescentados. Este modelo dificulta e encarece a criação de serviços de acessibilidade transversais a toda a actividade dos espaços culturais, o que acaba por dificultar a disponibilização on demand. Simultaneamente, os recursos de acessibilidade são relativamente recentes, os públicos não têm o mesmo grau de fidelização e a sua inclusão, por parte da sociedade, também é mais reduzida - tudo isto contribui para uma maior dificuldade na criação e retenção de públicos que está na base da dificuldade de criação de recursos on demand. Isto leva-nos ao próximo ponto.

“Disability is a product of design”: Esta frase foi dita por John Orr, salientando que para combater a dificuldade de estar constantemente a adaptar experiências, elas devem, sim, ser concebidas na base com acessibilidade. Fazendo isso, tudo se tornará mais fácil e natural na criação e promoção da inclusão.

Tópico 3: Marketing and Audience Development



Criação de sistemas de acesso: possibilidades que uma rede de espaços com um cartão único/formulário de acesso pode criar na acessibilidade do público. Garante ainda, à partida, a preparação das instituições para receber o público, conhecendo melhor as suas necessidades.

Importância de não veicular uma comunicação que diga que “somos 100% acessíveis”.

Criar políticas de bilheteira como ferramenta para a inclusão de públicos com deficiência.

Importância da concepção da comunicação e design de forma acessível.

Tópico 4: Aesthetically Accessible Arts and Cultural Experience

Neste tópico destaco duas ideias e políticas de organizações em concreto, que trabalham a concepção artística para pessoas cegas/com baixa visão ou S/surdas.

- Maria Oshodi, Artistic Director e CEO da Extant, salientou que nas suas produções não usam audiodescrição, incluem esse recurso na concepção e guiões dos seus espectáculos.
- Mindy Drapsa, Artistic Director do Riksteatern Cre, salientou que as suas obras são criadas com língua gestual de raiz, os guiões são feitos assim, muitas vezes não são escritos mas antes gravados em vídeo.